ANNO VIII — SEXTA-FEIRA, 9 DE OUTUBRO DE 1868 — N.º 796

O DISTRICTO DE AVEIRO

PREÇOS
ASSIGNATURA SEM ESTAMPILHA
Anno 3:200=Semestre 1:600=Trimestre 850 rs.
Cada numero avulso . . . . . 40 rs.

Publica-se regularmente ás terças e sextas-feiras de tarde.
Edição supplementar em dias indeterminados.
Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração—Rua da Fabrica—Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador estampilhada. — Os escriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos. — As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇOS
ASSIGNATURA COM ESTAMPILHA
Anno 3:800=Semestre 1:900=Trimestre 1:000
Annuncios e correspondencias, por linha 20 rs

Politica interna

BOLETIM

Os *Diarios de Lisboa* de 7 e 8, apenas publicam algumas portarias pelos ministerios do reino, marinha e obras publicas, sobre objectos de pouco interesse, e alguns accordãos do supremo tribunal de justiça, e do de contas.

A QUESTÃO FINANCEIRA

Não ha homens d'estado, nem intelligencia sobejamente esclarecida que não considere os interesses financeiros como os mais importantes de todos os paizes. Governo que os desconsidere, e os deixe postôr, preoccupando-se de preferencia de quaesquer outros assumptos politicos ou d'administração, difficilmente conseguirá firmar sobre bases solidas a prosperidade do seu paiz. Os mais experimentados estados, os que concebem da sua organisação mais perfeita ideia, colocam esses interesses, e com razão, no primeiro logar do edificio constitucional do seu governo.

Não tem sido sempre assim. A historia mostra-nos os povos antigos mais dispostos a combater e a conquistar novos territorios, do que a administrar os já possuidos, a melhorar as suas condições, a aperfeiçoar a sua organisação interna. Mas a constituição das sociedades modernas é inteiramente diversa, e um povo que actualmente não cuidasse de organisar as suas finanças seria, em breve espaço, um povo arruinado, e incapacitado para todo o progresso.

As exigencias da época vão augmentando cada dia sob este aspecto, e se considerarmos a situação da Hespanha no tempo de Filippe II, da França na época em que subiu ao throno Luiz XV, durante a revolução e sob o consulado, veremos quanto na nossa época, essencialmente industrial, a politica está mais estreitamente ligada ás finanças, e o progresso ou decadencia de cada povo dependem mais do que antigamente da sua situação economica.

Hoje não ha paiz por maior que seja o seu poder, por mais extenso que seja o seu territorio, que não deva ter em attenção, em qualquer combinação politica ou administrativa, a situação das suas finanças. Não é só o patriotismo ou a energia do poder que actualmente organisa as legiões: a propria arte da guerra é dispendiosa, e exige grandes cabedaes. Para conquistar, ou para defender o proprio territorio é necessario ter os cofres tão bem providos de dinheiro, como os arsenaes e praças de guerra de armas e munições. Bismark, uma das maiores capacidades do nosso tempo, ainda ha pouco nos demonstrou que era assim que os grandes politicos actualmente se preparavam para as grandes crises.

Nós temos as mais pacificas e modestas vistas, mas precisâmos mais do que ninguem de nos compenetrarmos da ideia de que a questão financeira é a primeira de todas. O que outras nações, mais felizes poderão intentar com o fim de conservar a sua supremacia, e o seu explendor, devemos nós pratical-o para não adiantarmos a nossa ruina, e precipitar-nos no abysmo.

Que podemos nós tentar, que podemos nós desejar para melhorar a nossa administração em quanto a nossa situação fazendaria for o que é actualmente? Todas as vias do progresso nos são defezas, em quanto nos encontrarmos no fim de todas ellas a constante ameaça d'uma bancarrota. Todos os melhoramentos se podem converter em instrumentos de ruina porque todos elles aggravam a nossa penuria. O que para outros póde ser, e é, fonte copiosa de bens, para nós quem nos assegura que não será prejuizo certo e incalculavel?

Na nossa situação todos os males derivam da desorganisação das nossas finanças, e sem as melhorarmos nenhum progresso, nenhum melhoramento nos póde ser proficuo. Quando em torno de Pitt, durante a longa e terrivel lucta que elle, á frente da Europa, sustentou contra a França, começaram os murmurios de desanimo e desconforto, dizia este grande ministro com a segurança que era propria de tão alto espirito: «Olhae para a penuria do thesouro francez, é a chaga incuravel d'aquelle paiz; é d'ahi que lhe provirá a morte. E assim foi. Os apuros financeiros a que a final estava redusido o governo de Bonaparte foram os mais fortes incentivos para a sua queda, e a entrada dos exercitos estrangeiros em Pariz, em 1815, não tardou a justificar a sábia previdencia do poderoso ministro inglez.

Quem, com relação aos negocios de Portugal, aventar uma similhante previsão, é possivel, desgraçadamente, que tambem se não illuda. A parte mais ferida da nossa situação é a das finanças; póde não ser, e sinceramente cremos que não é incuravel a chaga, mas de tão difficil cura, e tão proxima a engravecer, que a não ser pensada com especial e prompta sollicitude, facilmente póde tornar-se irremediavel e mortal.

Houve tempo em que era perigoso dizer estas verdades, chamar para ellas a attenção dos governos e do povo, pelo desconceito que podia resultar ao paiz da apreciação das suas verdadeiras circumstancias. Hoje não é assim: hoje o perigo consiste em as calar, e não é amigo do seu paiz aquelle que não contribuir quanto em suas forças caiba para as diffundir, para as apregoar, para as tornar sempre bem presentes. Que os governos se despreoccupem de quaesquer outras questões de mediocre importancia, e que empenhem todas a sua energia, todo o seu patriotismo, toda a sua intelligencia a cuidar da questão economica, que é para todos na actualidade, mormente para nós, a unica importante, a unica vital, a unica de que depende o nosso futuro.

Affirma-se que o sr. ministro da fazenda se occupa de reformar a fiscalisação das alfandegas, e indicam-se alguns pontos, que se acham já resolvidos. E' um d'elles o emprego de officiaes do exercito no commando dos diversos portos fiscaes.

E' indispensavel melhorar a organisação do pessoal da nossa fiscalisação aduaneira, principalmente no que diz respeito á raia secca do reino, por onde é mais facil a introducção do contrabando, e onde consta que a fiscalisação é geralmente menos rigorosa.

Seria preciso conhecimentos muito especiaes para organisar esta reforma por modo que se modifiquem sequer muitos dos defeitos que se notam n'este ramo do serviço publico. Não sabemos se o sr. Carlos Bento tem esses conhecimentos, ou pelo menos se soube rodear-se das pessoas competentes para o auxiliarem no difficil empenho.

E' possivel que não. Esta duvida faz-nos suspeitar que a reforma não prehencha o seu fim. Já vimos exemplos de reformas que antes empioram do que aperfeiçoam o serviço publico. A do sr. Lobo d'Avila, esse parto monstruoso d'aquella celebrada intelligencia, foi uma d'ellas. Não teve outro resultado se não servir afilhados e engordar o *deficit*, e o serviço ficou peor.

Se assim ha de acontecer mais uma vez, melhor era não lhe tocar — melhor era deixar as cousas como estão. Mas emfim faça-se mais esse esforço. Vejamos o que resulta de mais esta experiencia.

O emprego de officiaes do exercito no pessoal das alfandegas não nos parece uma das lembranças mais felizes. Esta mistura do elemento militar na organisação do serviço aduaneiro figura-se-nos menos util do que prejudicial, e póde excitar rivalidades inconvenientes e desmoralisadoras.

Escolham-se individuos intelligentes, energicos e de provada honradez, porque a qualidade de militar nada adianta áquelles dotes. Nem só ao exercito se podem ir procurar quem saiba observar com rigor as prescripções fiscaes. A questão é saber escolher os individuos.

Uma ideia proveitosa, e que nos parecia conveniente ser posta em execução, era a que se sabia que estava na mente do predecessor do sr. Carlos Bento, o sr. Dias Ferreira, e que consistia em addicionar á fiscalisação das alfandegas a do tabaco, que para pouco serve, pelo modo porque se acha organisada.

Não sabemos se esta ideia vigora ainda. E' natural que alguma cousa se faça n'este sentido. Não é justa a coexistencia de duas fiscalisações distinctas, tendo ambas, com pequena differença, o mesmo encargo.

Em todo o caso que se attenda á boa organisação do serviço, e á economia. N'este e outros pontos é que podem effectuar-se proveitosas reducções. Haja o pessoal necessario, bem retribuido, bem organisado, sobretudo escrupulosamente escolhidos, mas nada de canonicatos, e de estados maiores. Isto não serve senão para gastar dinheiro e empatar o andamento do serviço.

Está quasi concluida a obra da cortina do caes, que o sr. Canto, quando ministro das obras publicas, mandára continuar. Parece, porém, que está tambem a findar a quantia que fôra por essa occasião applicada para estes trabalhos, e que não ha ainda ordem para elles continuarem, applicando-se-lhe nova dotação.

O sr. Calheiros está tão possuido da necessidade de fazer economias, que é possivel que entenda que é augmentar o *deficit* applicar alguma quantia para a obra a que nos referimos. Como não comprehende que se façam economias sem fazer parar todos os trabalhos, é natural o receio de que estes não escapem á furia economica de s. ex.ª

Nós não levamos a mal ao sr. Calheiros o seu desejo de diminuir a despeza publica, antes lhe louvamos o proposito em que parece estar de contribuir quanto em si caiba para atenuar o *deficit* Mas se a intenção é boa, a fórma por que a põe em prática é pessima, e não póde deixar de ser censurada.

Ha obras que ou pelo seu adiantamento, ou pelo seu pequeno custo, ou pelas vantagens que promettem, ou finalmente porque da sua interrucção resulta alguma especie de prejuizo, mais vale continual-as, ainda com sacrificio, do que deixal as por conluir.

A obra do caes d'Aveiro está n'este caso. Pomos já de parte a sua conveniencia, porque basta attender a que se tem dispendido com ella alguns contos de réis, e que fica por acabar para não se dispenderem mais alguns centos de mil réis.

Os antecessores do sr. Calheiros não attendiam a nenhuma consideração, julgavam possiveis todas as despezas quando se tratava de adiantar os trabalhos. O sr. Calheiros, põe tudo de lado, desprésa todas as conveniencias, para só attender á necessidade de diminuir a despeza. Conjuga o verbo *parar* com grande facilidade e todas as suas economias *param* ahi!

Aquillo era defeito, mas isto não menos o é. Ambos eram os extremos. Quando teremos o meio termo?

AO PAIZ E AOS EXM.os MINISTROS DA JUSTIÇA E REINO

O julgado d'Abergaria a Velha é apontado, como o mais immoral e escandaloso do districto d'Aveiro; nós, porém, vamos mais longe, sem receio de desmentido asseveramos que é o mais immoral e escandaloso de todo o paiz.

A maior parte d'esses escandalos e dessas immoralidades são imputadas a um funccionario publico, que é tido e reputado por um *falsificador*, *um aliciador de testemunhas, um devasso, um corrupto, um corruptor, um immoral, um prevaricador*, finalmente, é reputado e tido por um *ladrão publico*!

O funccionario a que alludimos é o *célebre e bem conhecido* escrivão José dos Santos Sousa.

Devia este funccionario, se n'este paiz se respeitasse mais a moralidade e a justiça, occupar, de ha muitos annos, os nossos presidios d'Africa, ainda que os não suppomos sufficientes para a expiação dos crimes que se attribuem a tão indigno, como devasso empregado; porém a protecção indecente, que lhe tem dispensado certos *personagens*, tem obstado a isso e permittido ao accusado uma vida regalada.

A immoralidade em Albergaria de dia para dia caminha desaffrontada. Ainda não ha muito tempo se organisou ali uma companhia de *olho vivo*, e aponta-se como membro d'ella o actual administrador, Joaquim Antonio d'Almeida Miranda!!!

Aos ex.mos ministros do reino e justiça, em nome da moral publica e em nome dos opprimidos, pedimos providencias e providencias promptas e energicas, mas não se conte para isso com o actual juiz da comarca Joaquim José da Motta.

Hoje o escrivão José dos Santos Sousa: ámanhã os seus miseraveis protectores.

Aos tribunaes para recebermos o vil ferrete de calumniador, ou para acabarmos de confundir o nosso *heroe*. * * *

(Segue o reconhecimento.)

ARMAMENTO E DEFENSÃO DO PAIZ

XII

Em 1819, depois de muito estudar o terreno, concluiram os engenheiros inglezes que as linhas de Torres-Vedras eram as que melhor se coadunavam com os meios defensivos, de que dispunham, porquanto havendo tres estradas que confluem para Lisboa pelos desfiladeiros de Mafra, Montachique e Bucellas, ao passo que a estrada marginal é enfiada e dominada pelos serros da Alhandra, e o terreno entre os desfiladeiros é tão agro e fragoso, que não franqueia passagem a um exercito, bastava fechar as gargantas e occupar as cristas das montanhas para cobrir o ponto objectivo.

Assim fizeram, construindo o que elles denominaram primeira linha, por ser a mais retirada.

Esta linha apoiava o flanco esquerdo na pequena aldeia do Ribamar a montante da Ericeira, subia pela sanja do ribeiro de S. Lourenço, colleava pelo desfiladeiro do Mafra, cuidadosamente fortificado com reductos, baterias e muros seteirados, subia ás montanhas da serra de Chypre, occupava os serros da Morugueira e Malveira, na rectaguarda aproveitava o rio de Cheleiros como fosso de uma serie de reductos.

Em seguida descia ao desfiladeiro de Montachique, admiravelmente afortalezado, e entranhava-se pela garganta de Bucellas apertada entre duas montanhas asperas e escarpadas. Afinal morria a linha no Tejo defendida o melhor possivel pelos reductos de Via-Longa e serra de Serves, ao mesmo tempo que os pequenos morros da margem do rio se protegiam mutuamente e fortaleciam o melhor possivel o flanco direito.

O desenvolvimento d'esta linha media coisa de 35:000 metros, continha 59 reductos guarnecidos por 232 peças e 18:000 homens proximamente.

Esta linha tinha sido traçada e estava quasi construida, quando Napoleão decretou do alto do seu estupendo orgulho, que Massena, á frente de 110:000 homens escolhidos, havia de subjugar Portugal e expellir do nosso reino o ultimo inglez.

Lord Wellington, sempre circumspecto e frio no meio das mais apertadas circumstancias, não perdeu contenença, tratou de augmentar quanto possivel o seu exercito e mandou immediatamente avançar a linha de defeza até Torres Vedras, aonde construiu uns fortes isolados de bastante resistencia, e bem assim afortalezou a excellente posição central do Sobral de Monteagraço, e em Oeiras fez uma especie de campo entrincheirado para proteger o embarque e a retirada do exercito inglez, no caso de derrota.

Lord Wellington, assim como Themis-

Folhetim

O PAUPERISMO E A ASSOCIAÇÃO

POR

J. C. PRETO PACHECO.

(Continuação do numero 791.)

II

Entro nos capitulos 2.º e 3.º do livro do sr. Pacheco. Trata-se n'elles de encontrar os *palliativos* para o pauperismo, e em seguida enunciaram se os *remedios*.

Como meio *indirecto*, isto é, proprio para attenuar o pauperismo, cita o sr. Pacheco o recurso da caridade publica e particular, mas não entende que com ellas se possa debellar aquelle mal social.

Diz o illustre bacharel que, no uso da caridade, quer publica quer particular, deve haver a mais escrupulosa attenção, para que não vá dar a quem devéras não necessita d'ella.

Convem, certamente, que a caridade não seja cega. Protejam-se os verdadeiros necessitados, mas não se leve o óbolo esmoler ao falso mendigo, porque, n'esse caso, é contraproducente o rasgo caritativo, e, *em vez de resolver o problema da miseria*, — palavras do sr. Pacheco — *muitas vezes contribue para o seu augmento.*

E, pelo que respeita á caridade official, á caridade dos governos, — que eu approvo totalmente, estando n'este ponto em tal ou qual desaccordo com o sr. Pacheco — deve haver tambem o maior cuidado na sua applicação.

Era excellente que a iniciativa da caridade bem entendida e espargida partisse do individuo, mas não acontecendo assim geralmente, é dever dos governos concorrer para a creação de estabelecimentos onde a miseria seja soccorrida e a mendicidade amparada. Para esses estabelecimentos é que póde dar valiosa ajuda a iniciativa individual, que antes seja ahi levada do que ao mendigo que pede esmola de porta em porta e muitas vezes mais por habito vicioso do que por necessidade. E' assim que eu entendo a caridade dos governos.

Se as estatisticas provam que a assistencia publica, ou particular, apesar do muito que se gasta para diminuir o pauperismo, não conseguiu ainda acabar com elle; é porque não está na caridade individual ou na dos governos o remedio para a sua extincção; mas o que eu vejo n'uma e n'outra é um auxiliar poderoso para a sua diminuição, e só por um lamentavel uso e abuso dos actos caritativos se póde applicar a não proficuidade de tal auxiliar. Seja o uso bem feito, e não se tolere o abuso, que com a caridade particular e com a protecção dos governos ganharão as sociedades onde a indigencia apparecer e não for — bem entendido — bastante o trabalho para empregar os braços dos que para comer necessitam do labutar quotidiano.

Quanto á mendicidade, o sr. Pacheco declara-se, e muito bem, pela sua extincção, ordenada pelos governos.

Uma terra culta não deve, por certo, patentear a desgraça e a miseria, representadas nos mendicantes das ruas.

Acertada foi, pois, a medida do sr. Martens Ferrão, creando o asylo «Maria Pia» para serem recolhidos os verdadeiros mendigos, e prohibindo que se pedisse nas ruas de Lisboa e Porto.

Infelizmente a ordem prohibitiva teve apenas execução poucos dias, porque hoje acham-se innundadas de mendigos as ruas das duas cidades!

Recorra-se á caridade particular para ajudar a sustentação de estabelecimentos da ordem do asylo «Maria Pia», e tenham os governos força sufficiente para fazer levar ávante as reformas de importancia moral e social, que só assim veremos extincta a mendicidade no nosso paiz.

Como principaes remedios para acabar com o pauperismo apresenta o sr. Pacheco — «a instrucção, moralidade, iniciativa e responsabilidade, trabalho, economia, previdencia, elevação dos costumes, politica favoravel á producção, ao credito e ao trabalho.»

Em poucas palavras, o remedio, quanto a mim, para combater o pauperismo, para o debellar é «trabalho, e instrucção.»

Com o trabalho, agente de producção, deve vir o sustento de cada dia, e com a instrucção apropriada o conhecimento das necessidades, o modo de as satisfazer, segundo as circumstancias proprias, a idéa das economias, o aproveitamento do capital importante — o tempo, e até o cumprimento dos deveres sociaes e familiares.

Acho muito aproveitaveis e bem pensadas as regras de economia que o sr. Pacheco apresenta no seu livro.

Occupando-se das caixas economicas, collijo que o sr. Pacheco procurou estudar a sua organisação *ab initio*, os seus beneficos resultados nos paizes onde se acham montadas, desde a Allemanha, que as tem em grande numero, até ao nosso paiz que ha pouco começou a estabelecel-as.

A invenção de Wilberforce foi de uma vantagem extraordinaria. Ás caixas economicas está affecta egualmente a causa da extincção do pauperismo.

A ellas o grandioso encargo de guardarem para a decrepitude os capitaes d'aquelles que trabalharam na força dos annos e da intelligencia.

O pauperismo póde tambem debellar-se pela associação — a caixa economica é já por si uma associação — e este remedio apresentado pelo sr. Pacheco mereceu serio cuidado no seu livro, por isso lhe dedica a parte segunda, começando por occupar-se no capitulo 1.º da:

Associação e suas vantagens.

Hoje seria irrisoria a ideia de pretender deprimir o principio salutar da associação.

Fonte de riqueza collectiva, base de protecção decidida á familia, elemento para emprehender e levar a cabo os mais arduos commettimentos na industria, nas artes e nas sciencias, origem de progresso constante nas modernas sociedades, se bem que não é de hoje o seu nascimento, a associação tem só lados bons para ser defendida, e apresenta só beneficios para serem convenientemente aproveitados.

Por isso o sr. Pacheco occupa-se por

todos, punha a salvação dos inglezes nos navios de Inglaterra, sem se importar muito com os alliados, que haviam de soffrer as vindictas e represalias dos invasores triumphantes.

Esta segunda linha, muito mais adiantada, era tambem muito mais estrategica, debaixo de todos os pontos de vista, como já demonstramos á saciedade nos capitulos anteriores.

Feita esta brevissima descripção, temos que nenhuma difficuldade acharão os leitores em comprehender a grandissima e innegavel utilidade de occupar a linha mais avançada, com as modificações aliaz exigidas pelo progresso da sciencia.

Fortalecendo, como dissemos já, a praça de Peniche, occupando fortemente as alturas do Varatojo, fazendo do Sobral de Monte Agraço uma especie de fortaleza, formaremos com o campo entrincheirado de Tancos um triangulo defensivo de altissima importancia, por isso que um dos lados d'esse triangulo é a serra de Monte-Junto, o outro a cordelheira que vae de Alhandra até ao mar, o terceiro o Tejo. Dentro d'este triangulo egualmente resistente marcha o exercito, tendo sempre os flancos apoiados e fortes, podendo mudar com a maxima facilidade de frente e flanco, acudindo aos pontos fracos, offerecendo e recebendo batalha aonde melhor lhe convier, possuindo em todas as hypotheses a retirada guardada e protegida, sendo emfim favorecido por todas as circumstancias.

Mas é claro que a defensa de Lisboa não póde limitar-se a tão pouco, se bem que muito se afigure já.

Segundo os principios aceites pela sciencia hodierna e comprovados cada dia por innumeros factos, a defeza de um ponto objectivo não é completa, se lhe falta um recinto interior continuo, com um bom parapeito e fosso competente, atraz do qual, nos ultimos apuros, venham buscar guarida e protecção as tropas combatentes.

Ora esse recinto deve, segundo a nossa humilissima opinião, ser construido na linha de Sacavem á Torre de S. Julião, a qual julgam certos engenheiros, aliaz muito auctorisados, que importava tomar como circuito externo e de fortes destacados.

Pedimos desde já muitas desculpas por assim discrepar; mas é tão profundo e arraigado o nosso convencimento, tantas são as razões que militam a nosso favor, como tivemos já opportunidade de dizer, que seria faltar á nossa consciencia e ao nosso decoro, se porventura nos curvassemos sem discussão perante alvitre inteiramente oppostos.

E' tão forte a linha de Sacavem á Torre de S. Julião, principalmente até ás cercanias da Luz, que em muitos pontos o circuito interior, que propomos, reduz-se a uma estrada militar.

Quem percorrer esse tracto de terra abundará nas nossas ideias.

E' evidente que regeitamos quasi *in totum* o projecto aventado por uma das commissões de defeza, segundo o qual a linha de Sacavem á Torre seria a mais avançada, ao passo que a linha que vae da Torre de Belem, passa pela cumeada da Serra de Monsanto, e morre no casal da Barroca, tornar-se hia um recinto interior continuo.

Regeitamos tal projecto, não só pelo que havemos dito e repetido, senão tambem porque tomado um ponto da linha, maiormente junto ao flanco esquerdo, difficilmente poderia continuar a dejoza.

Julgamos não ser necessario insistir mais.

O problema estava ha muito dilucidado, comquanto sobre a solução d'elle houvesse opiniões contrarias. Desde o notavel engenheiro portuguez Neves Costa até aos illustres membros das commissões de defeza, bem póde dizer-se que cada qual tem a sua opinião.

Folgamos, porém, de dizer, que o nosso alvitre, que ahi fica exarado, pertence mais a muitas e mui conspicuas intelligencias, e alguns livros excellentes que havemos consultado e relido, do que, a nós mesmo.

A lucta, que corre travada entre os dois bandos, provém principalmente de não se haverem acordado nos principios.

Uns entendem que Portugal nunca poderá pôr em armas um exercito assaz forte, e por isso querem a defeza proxima, a defeza tactica; outros partem do principio opposto, e querem a defeza distante a defeza estrategica.

Uns e outros têem rasão, e por isso dissemos que scientificamente a questão não tinha importancia alguma.

Das linhas de 1833 não fallâmos, porque já expendemos a nossa opinião ácerca d'ellas.

Uma cousa pedimos ainda, antes que acabemos este artigo, e é que os entendidos venham a terreiro com os seus estudos e alvitres, e abram liça a todos os contendores. Certo que a verdade ha de lucrar com tal pugna scientifica, e o importantissimo problema da defeza de Lisboa será talvez resolvido a contento de todos.

(Jornal do Commercio)

Actos Officiaes

Ministerio dos negocios da fazenda

Thesouro publico

DIRECÇÃO GERAL DA THESOURARIA

Tendo-se dado casos em que alguns delegados do thesouro, apesar da prescripção dos seus deveres e da responsabilidades que lhes impõem o artigo 48.º do regulamento de 28 de janeiro de 1850, e o § unico do artigo 264.º do outro regulamento de 12 de dezembro de 1863, não têem providenciado convenientemente, para o fim de obstar a que os recebedores conservem em seu poder saldos superiores ás importancias das respectivas cauções, factos pelos quaes são igualmente responsaveis os escrivães de fazenda nos termos do artigo 10.º do primeiro dos citados regulamentos: manda S. M. El-Rei, pela direcção geral da thesouraria, que os delegados do thesouro fiquem entendendo, e façam constar aos escrivães de fazenda, que tanto a uns como a outros se fará effectiva a responsabilidade que lhes cabe pelos alcances em que hajam de ser encontrados os recebedores, quando se verifique que a existencia d'esses alcances proviera de negligencia dos sobreditos empregados no cumprimento das suas obrigações, tomando-se desde logo quaesquer outras providencias que as circumstancias exigirem.

Paço, em 3 de outubro de 1868.= *Carlos Bento da Silva.*

(«Diario» de 3 de outubro.)

Ministerio dos negocios do reino

DIRECÇÃO GERAL DE ADMINISTRAÇÃO CIVIL

CIRCULAR

Tendo chegado ao conhecimento de S. M. El-Rei que ha excessivo abuso por parte das auctoridades administrativas na requisição de força armada para diligencias do serviço publico, a maior parte das quaes podem ser feitas pela policia local: manda o mesmo augusto senhor que os governadores civis do districto do continente do reino ordenem terminantemente aos administradores de concelho seus subordinados, que cessem n'aquelle abuso, e que limitem as suas requisições para o auxilio militar de que carecerem tão sómente aos casos graves em que absolutamente o não possam dispensar.

Passo, em 5 de outubro de 1868.= *Antonio, Bispo de Vizeu.*

(«Diario» de 7 de outubro.)

Correspondencias

ILHA DE S. MIGUEL

Villa Franca do Campo, 27 de setembro de 1868.

(Correspondencia particular.)

Como uma correspondencia noticiosa sempre tem de começar por uma noticia qualquer, direi em primeiro logar, que esta villa tem sido muito frequentada, no presente verão, por familias de Ponta Delgada, que aqui vieram refugiar-se dos calores d'esta estação, e pelas que se dirigiam ou retiravam do Valle das Furnas, o que entrou em moda, para variarem de etinerario.

Entre as familias que se demoraram n'esta villa, conta-se a do nosso representante em côrtes, o exm.º sr. dr. Adriano Antonio Rodrigues d'Azevedo, na companhia do qual esteve seu filho ultimamente formado na faculdade de mathematica, o sr. Eugenio d'Azevedo, que foi um estudante muito distincto, e é moço sobremaneira sympathico, sabendo conquistar, no pouco tempo que aqui residiu, a amizade de todas as pessoas que com s. s.ª travaram relações.

—A diligencias d'este nosso illustre deputado veio ordem para se continuarem as obras do caes e da estrada que liga esta Villa á cidade, pelo que este povo se deve congratular para com s. ex.ª obtendo a importancia e urgencia das ditas obras, especialmente a primeira.

— Celebrou-se como de costume a afamada festividade do Senhor Bom Jesus da Pedra nos dias 29 e 30 d'Agosto ultimo, com aquelle brilhantismo e pompa em que sempre se empenham e esmeram os cavalheiros encarregados de a dirigir. Na vespora á noute houve a mudança processionalmente do Senhor da egreja da Misericordia para a matriz. A' noute houve arraial no passeio publico, que se achava illuminado pelo estylo chinez. Rodeava o passeio uma serie continuada d'uma especie de candelabros com trez lanternas de côres cada um, intermiados de bandeiras: as portas tinham umas armações compostas de eguaes lanternas e pendões chinezes: nos angulos do passeio destacavam-se lanternas em grande formato, contendo um farto fóco de luz: no centro e por cima do tanque via-se arvorado um pavilhão de verdes flôres, de variados balõesinhos de côres, formando diversas curvaturas que enlaçadas umas nas outras se harmonisavam por fórma a deixar perceber em tudo o estylo em que se baseava o plano da illuminação, sendo este pavilhão symetricamente adornado de bandeiras, pendões e trophensinhos, e tendo por remate uma bandeira nacional. Foi pena que a noute estivesse um pouco ventosa e fosse de luar; entretanto produziu magnifico effeito este plano de arrayal, o qual agradou geralmente por ser o primeiro que n'este genero se tem visto em Villa Franca.

A boa direcção e risco d'esta illuminação foi devida ao gosto do nosso bom e velho amigo, Augusto Loureiro, que se acha aqui tratando da sua saude.

Houve tambem fogo prezo e do ar, que, com quanto fosse feito por um curioso d'esta villa, agradou e correu regularmente. Os edificios que circundam o passeio achavam-se illuminados com lanternas, algumas de côres, e muito embandeirados, o que tornava muito vistoso e brilhante todo o largo.

As bandas de musica =Amizade= e =Lealdade= tocaram escolhidas e bem desempenhadas peças de musica emquanto durou o arraial.

Foi uma noute bem passada.

A segunda d'estas bandas tocou em primeiro logar e pela primeira vez o seu hymno, que ainda não possuia, e o qual lhe foi offerecido por aquelle nosso amigo e sr. Loureiro, cuja letra escreveu, sendo a musica do nosso distincto pianista michaelense o sr. João Bernardo Rodrigues Junior.

Acabado de tocar o hymno, foi este distribuido impresso, pelos cavalheiros e senhoras assistentes, e o qual transcrevemos na secção de variedades.

No domingo pelas 11 horas da manhã houve missa cantada e acompanhada a instrumental com Sacramento exposto, sendo orador o revd.mo sr. prior da Villa da Ribeira Grande.

Pelas 5 horas da tarde fez-se a procissão, que percorreu as ruas costumadas, fechando o prestito as duas bandas de musica, que já na vespera haviam acompanhado a mudança do Senhor.

Na segunda-feira á tarde fizeram-se as arrematações das offertas, que os fieis devotos trouxeram ao Senhor da Pedra, tocando no passeio durante ellas a banda de musica =Amizade=.

A concorrencia foi nos trez dias extraordinaria, sobre tudo no sabbado e domingo, tanto de povo, como de familias da cidade, sem que houvesse nem o minimo desgosto; o que prova a habitual morigeração e civilisação do nosso povo.

Correu em tudo bem esta festividade, devido isso á dedicação, actividade e zelo do nosso illustre amigo o revd.mo Antonio Maria Brazil.

— Está concluido o traçado da estrada d'esta villa ás Furnas, a que o ex.mo director e mais empregados das obras publicas teem estado a proceder. Ouvimos que ficará excellente a estrada. Concluida ella, não se duvida que os frequentadores d'aquelle Valle prefiram a estrada do sul á do norte, porque a primeira é inquestionavelmente mais alegre, variada e mais suave, atravessando constantemente povoações.

— A secca n'este concelho não foi onde mais se sentiu; e as colheitas não serão tão precarias como se receava. Ainda bem.

— O nosso amigo padre Antonio Maria Brazil, uma das primeiras illustrações do clero açoriano parte ámanhã para Lisboa no paquete da carreira.

* * *

Exterior

Hespanha. — Entre os presos politicos que estavam no castello de S. Sebastião de Cadiz, figura D. Frederico Salcedo, coronel de infanteria de marinha, que foi posto em liberdade no dia 10 de setembro.

—No dia 1 do corrente ainda o marquez de Novaliches não tinha fallecido, porém era muito grave o seu estado.

— O conde de Girgenti não foi ferido como se disse. Ficaram feridos unicamente o general em chefe, o general Sartorius e o general Garcia de Paredes.

A audiencia reuniu-se em Madrid e, depois de tirar da sala das suas sessões o retrato de D. Izabel, resolveu continuar a administrar justiça em nome da nação.

— A'cerca do fuzilamento do sr. Ballin, os periodicos de Andaluzia dão os seguintes pormenores: O infeliz Ballin chegou a Montoro, e sendo revistado encontraram-se-lhe algumas proclamações! O coronel do corpo, sem conselho de guerra e sem lhe dar tempo algum, mandou-o fuzilar ao lado do caminho. Esta ordem foi immediatamente cumprida, mas produziu grande indignação na tropa. Um official que fez algumas reflexões sobre o assumpto, menos lisonjeiras para o coronel, foi maltratado, e sería fuzilado se os soldados não se revoltassem. Novaliches, sendo informado de todos estes factos, mandou retirar o batalhão de Montoro, substituindo-o por outro, mas não evitou que a vanguarda das suas forças passasse para a columna liberal commandada pelo general Serrano.

— Em Valencia realisou-se o pronunciamento com a maior ordem. O general Gasset, apenas teve conhecimento do resultado do combate de Alcolea, resignou o commando no governador militar, e logo depois foi nomeada a junta revolucionaria. O primeiro acto da junta foi mandar soltar os individuos presos em Torrente.

— Diz o *Imparcial* que, na acção de Alcolea ficaram fóra do combate 1:200 homens, e não 400. A acção começou ás quatro horas e terminou ás duas.

— Lê-se na «Liberté»:

«As negociações tentadas pelo marechal Concha em favor de uma regencia abortaram desgraçadamente. A propria rainha não foi mais feliz com o marechal Serrano que não se dignou receber o seu enviado.

Não tinhamos nenhum receio a este respeito; sabendo perfeitamente quaes são as ideias, os sentimentos ou projecto dos chefes da revolução não temiam que em 1868 se repetissem os erros de 1864.»

— O jornal a «Hespanha» publicou um supplemento annunciando que suspende por agora a sua publicação. Era do governo de Gonzalez Bravo.

— O jornal «Universal» pede a extradição de Gonzalez Bravo.

— O jornal «Correspondencia de Hespanha» de 5 do corrente diz:

«Soror Patrocinio, que estava ultimamente no seu convento de S. Sebastião, retirou-se para França.

— Prim occupará as habitações do ministerio da guerra.

— Muitos individuos da antiga «União Liberal» em uma reunião resolveram não se denominarem senão «Liberaes» collectivamente com os mais partidos.

— O marquez de Remisa, cunhado da rainha Christina, acceitou a revolução e já foi votar nas eleições para a junta.

— Parece que se póde considerar certa a organisação de um directorio composto dos srs. Olozaga, Serrano, e Prim.

— A respeito de formação de ministerio nada ha de positivo, e parece que se difere até á chegada de Prim, que deve ser breve.

— Foi preso na fronteira de França um agente da ex-rainha Isabel de Bourbon que, segundo se affirma, era portador de papeis d'alta importancia.

— O bispo de Huesca apresentou-se á junta revolucionaria felicitando-a, e manifestando-lhe que rogava ao Todo Poderoso pela revolução.

— O conde de Cheste e seus dois filhos apresentaram-se em Victoria e reconheceram a situação da nação.

— Prim partiu de Tarragona para Reus.

— O general Serrano, investido interinamente do poder supremo continúa fazendo nomeações para os differentes cargos.

— Decretou-se o desarmamento da guarda rural na maior parte das provincias.»

— «La Correspondencia» noticia ter-se verificado, no dia 1 do corrente, na Praça do Progresso, em Madrid, a ceremonia da inauguração da estatua de Mendisabal. Presenciaram esta ceremonia alguns dos membros da junta revolucionaria.

Differentes bandas de musica tocaram o hymno de Riego, e o povo enthusiasmado prorompia a cada momento em vivas á liberdade e a Mendisabal. Este acto foi celebrado com a maior solemnidade e com a assistencia de um publico numeroso e de differentes grupos de voluntarios armados que formavam a guarda de honra d'esta ceremonia.

— A junta de Granada e d'outros pontos de Hespanha offereceram ao governo provisorio de Madrid todos os seus esforços e recursos para auxiliarem o general Prim na Catalunha, se fosse necessario.

—Os tribunaes continuam a funccionar em Madrid com toda a regularidade, e a verdade é que nos tempos mais normaes nunca houve maior moderação e menos faltas a castigar do que nas actuaes conjuncturas.

Variedades

SONHO OU REALIDADE?

Era uma noite de novembro, em que

---

largo espaço de tão notavel objecto, e, segundo o meu humilde voto, muito sensatas estão as suas considerações para rebater o dizer de muitos, que confundem associação com socialismo, e que desvirtuam o principio da associação, encaminhando-a para a politica dos partidos.

Applicada a associação ás classes menos protegidas da fortuna — ás operarias, por exemplo — notam se então os mais proficuos resultados. O operario que se associou, e que, de um momento para outro, se vê, por motivo de doença, sem poder trabalhar, lá tem na associação o soccorro para lhe curar a enfermidade; e se fallece, e tem familia, a associação para que concorreu não a deixará morrer de fome.

A's sociedades de soccorros mutuos dedica o sr. Pacheco uma ponca de attenção no seu livro, e não lhe esqueceu tratar das sociedades cooperativas. Fallando no principio da associação, occupando-se d'elle com conhecimento de causa e espirito investigador, bem facil era antever que as sociedades cooperativas e de mutua protecção não seriam olvidadas nos seus estudos economicos.

Mostrando a vantagem que resulta do estabelecimento das sociedades de soccorros mutuos — *sociedades dos amigos*, em Inglaterra chamadas — o sr. Pacheco sustenta que ellas não só teem por objecto a utilidade dos trabalhadores, senão que lhes servem de incitamento para o trabalho, pois que lhes dão logar para ser collocada uma parte de suas economias, no que levam vantagem ás caixas economicas, que não são fundadas no principio da mutualidade, e têem unicamente por fim assegurar de futuro aos deponentes as sommas economisadas.

Nas caixas economicas levanta-se o dinheiro sempre que se quer: nas sociedades de soccorros mutuos não se póde fazer isto. Eis aqui já uma condição que as avantaja áquellas.

As sociedades de soccorros mutuos são, como diz o sr. Pacheco, um verdadeiro seguro.

Do seu estabelecimento em França, desenvolvimento e resultados, occupa-se o esclarecido escriptor; dá ideia da creação de uma sociedade de protecção no Rio de Janeiro, e apresenta a organisação, vantagens e grau de prosperidade da «Associação dos Artistas de Coimbra» fundada e presidida pelo sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes. Tambem o auctor do livro de que estou tratando apresenta, a proposito das sociedades de soccorros mutuos, e ao terminar o capitulo em que escreveu sobre estas excellentes instituições, mui proprias para combater o pauperismo, o decreto de 22 de novembro de 1866 do sr. Andrade Corvo, pelo qual foram creadas duas commissões para examinarem tudo o que seja concernente ao espirito d'aquellas sociedades e possa mais ou menos tornar proveitoso o seu desenvolvimento no nosso paiz.

O sr. Pacheco promette occupar-se nos seguintes volumes da sua obra de alguns dos pontos sobre que versa o decreto do sr. ex-ministro das obras publicas, A. Corvo.

Das sociedades cooperativas, no dizer de Leon Say, as melhores de todas as caixas economicas, occupa-se sufficientemente o sr. Pacheco no capitulo ultimo da segunda parte do seu livro, e, sendo d'ellas que resulta a educação e a instrucção das classes trabalhadoras, é certo que tambem por ellas se tornam mais effectivas a liberdade e a concorrencia do trabalho.

Soccorreu-se o sr. Pacheco, ao tratar d'estas sociedades — novas, mas dando já, principalmente na Inglaterra e na Allemanha, vantajosos resultados —, alem de outros escriptores abalisados, ao sr. Francisco Luiz Gomes na parte que diz respeito a sociedades cooperativas de consummo, pois que ellas teem trez typos: *sociedades de consummo, sociedades de credito e sociedades de producção.* Dá alem d'isso o sr. Pacheco uma ideia muito vasta da sociedade dos operarios da cidade de Rochdale —*operarios da equidade*—, sociedade que apresenta em si o melhor e mais convincente exemplo da proficuidade das associações cooperativas de consummo.

Entre nós já se cuidou de estudar a vantagem das sociedades cooperativas, e, com quanto não as tenhamos ainda, deve esperar-se que, logo que sejam bem comprehendidos os seus beneficos proveitos, se ponha em execução a lei e o modelo do estauttos d'essas sociedades taes como os referendou o sr. Andrade Corvo, e o sr. Pacheco apresenta, por ultimo, no seu livro.

As sociedades cooperativas são um valente auxilio para a industria, para as artes e protecção até para a economia domestica. Nos paizes em que ellas estiverem espalhadas poderá haver homens necessitados, não providos de todas as regalias de uma vida cheia de abastança, mas não devem haver pobres.

Tenho concluido o meu despretencioso juizo ácerca da obra do sr. Preto Pacheco.

Sahiu imperfeito o meu trabalho, e nem das minhas debeis forças intellectuaes podia esperar-se outra cousa. Mostrei, no entretanto, bons desejos de felicitar o auctor pelo seu bom livro, comprazendo-me de ter provado que, ante as ideias de progresso e adiantamento — o pauperismo e a associação são assumptos que, ao tratarem-se com consciencia, revelam progresso e adiantamento —, não sabe emmudecer a minha mal aparada penna.

Mogofores, 26 de setembro de 1868.

ALBANO COUTINHO JUNIOR.

o austro soprava rijo e forte, e o brilho das estrellas era embaciado por alvacentas nuvens, que passavam. O pallido astro, que preside á noite, havia já transposto o horisonte, levando comsigo a argenteada luz, que lhe reflectia.

Eu triste e melancolico, a horas mortas, divagava — incerto — n'um ermo, onde a cada passo se me afigurava vêr a imagem «d'aquella», que tinha debuxada na mente.

Ora caminhava, ora parava, ora me assentava, pensando mil coisas tristes. Achei-me ao pé de uma capellinha, e entr'ouvi um tristonho gemido, que o vento me trazia. Escutei attento; e outro gemido longinquo, coado em meus ouvidos, veio vibrar-me a fibra mais sensivel do coração. E eu tremia e arquejava com ancia. Queria ir ávante e receava; queria assentar-me e não podia: estava hirto.

Orei ao Deus dos infelizes, recobrei forças, e..... continuei a minha incerta róta, vertendo amargo pranto. Não sei que me presagiava o coração!

Na direcção que eu levava, repetiam-se cada vez mais distinctos ora gemidos, ora ais e suspiros, repassados de dolorosa amargura.

Cheguei perto de uma outra capella e parei; esses manifestos signaes de soffrimento eram já a pequena distancia. Vivamente impressionado e commovido, tomei alento e avancei manso e manso, e sem querer ser presentido, até á porta da capellinha. Subito defronto com uma pessoa, que se estorcia em angustiosas aperturas.

Fiquei por alguns instantes mudo e quêdo a contemplal-a; até que, afastando-me, disse-lhe:—Que faz ahi, assim a deshoras? — Quem quer que era, ao ver-me e ouvir-me, arranca um ai de terror, ergue-se de repente, e pergunta quem é que ouza vir perturbal-a no seu desafogo.

Eu, ouvidos os dôces sons d'aquella voz maviosa, que reconheci, estreitei contra o meu peito essa pessoa que me fugia, denunciando-me por não sei que palavras, que lhe murmurei...

Empreguei, para tranquillizal-a, expressões de lenitivo, que n'aquelle momento me pôde suggerir o coração; até que ella... depois... entre dolorosos soluços, começou assim: «Por tua causa «sómente estou eu aqui a tal hora... «Tenho chorado muito a sós commigo... «Vi-te—além—pela segunda vez; e os «teus olhos fitavam-me com magica e ir«resistivel vivacidade...

«Quando estavamos á mesa, ou na «sala, ou passavamos um junto do ou«tro, observei que elles procuravam ar«dentemente encontrar-se com os meus; «e... não pude resistir.....

«Gravei com caracteres indeleveis «na minha alma o teu rosto, no meu co«ração o teu nome...

«Passados tres dias, eu ao auzentar«me de ti, observei-te triste e com os «olhos inundados de lagrimas: mais me «convenci da tua dedicação e affecto. De «minha casa olhava amiudadas vezes para «o local, onde te deixára... Decorreram «tres dias, e tu antes de partires, fôste «despedir-te, e eu... vi-te. Bem pouco «te demoraste. Ias já a sair, mas tiveste «de retroceder para te abrigares da chu«va, que então começava. Vi-te outra vez, «estando a escrever perto de ti. No fim «de alguns minutos estava escampo, e tu «partiste, não podendo esconder o que «denunciava o teu semblante.

«No dia seguinte, eu afflicta e rala«da de saudades, estava escrevendo algu«mas palavras—sosinha—.

«Subito entra meu pae, que me sur«prendeu, e leu o que eu tinha escripto. «Eu tremia toda. Ao terminar a leitura, «perguntou-me para quem era aquella «carta; e eu respondi trémula e vacil«lante — que não era para ninguem; «que escrevêra aquillo ao acaso—. Elle «porém não me acreditando, insta para «que eu lh'o confesse, e eu nego sem«pre.

«Por ultimo, irado, colerico, preci«pitado procura um pau, para me casti«gar, como se eu passára por sobre os «meus deveres; mas eu ao vêr isto fugi «apressada, e aqui estou desde a noiti«nha...

«Como voltarei agora para junto de «meu pae, se tenho a certeza que elle «me ha de infligir mais severo e duro «castigo?!... Tenho aqui chorado mui«to, e pedido a Deus que, se lhe apraz, «me chame d'esta vida.

«Perdi a tranquillidade e socego da «minha alma; fugiu de mim a ventura, «porque arde em meu peito tormentosa «flamma. Ai! nunca eu te vira, nunca eu «me deixára arrebatar por este fogo, que «me devora!... Ai! fujamos! foge com«migo! leva-me para mais remota região «do mundo, embora lá vamos morrer á «fome e á sêde, quando nossos trocados «beijos já não entornarem alento no cora«ção!... Fujamos, fujamos! e se não «tens coragem para a fuga, mata-me «aqui já, rasga este peito em que pulsa «por ti só—só por ti—um coração!...»

A joven disse, e com as faces banhadas em lagrimas, que escaldavam, e em violenta excitação arremessou-se-me aos braços. Eu hallucinado, extatico, e baloiçado por terriveis torturas não sabia que dizer nem fazer. Então um mocho n'um pinhal visinho despediu maguados pios, condoendo-se — talvez — de dois entes que se debatiam nas vascas de mortal angustia. Tomei aquelle piar como presagio ominoso, e o meu coração pulsou mais agitado. Queria fallar e as palavras eram-me suffocadas no peito pela agudeza da dôr. Queria caminhar, e os pés vacillantes recusavam-se-me. Queria apertar contra o coração aquella infeliz donzella, e não tinha forças; o susto e a convulsão congelaram-me o sangue, e entorpeceram-me os membros. Estava n'um preamar de amarguras!

A este tempo uma ave nocturna esvoaçou por sobre nós, e soltou tetrico gemido. Eu estremeci terrorisado, e a joven arrancou assustada dolorido soluço e cahiu. Coou lhe n'alma um deliquio.

Quando vi assim a desventurada, senti a gelida mão da morte sobre o meu peito... ergui os olhos ao ceu... murmurei não sei que palavras... e junto d'ella desfalleci.

A este estado de desalento succedeu um prolongado somno, que nos aquietou e reparou a vida, que a afflicção nos atrophiára.

A aurora matisava já o oriente de douradas côres, quando fui despertado pela joven, que soluçava ainda maguada. Cuidei logo em convencel-a da conveniencia e necessidade do seu regresso para a casa paterna. A donzella annuiu a final; e nós marchámos em seguida para o povoado, afim de que alguma pessoa de valimento fosse interceder por ella, e aplacasse as iras de seu pae.

Teriamos caminhado vinte passos, quando lobrigámos um vulto, que se dirigia para nós. Tomámos outro rumo, e o vulto seguia-nos apressado. Dentro em pouco ouvimos uma voz que nos mandou parar.

A joven deu um grito agudo e disse: — Meu pae! — Como se um raio nos fulminára, cahimos por terra.....

Acordei então: foi um sonho.

3 de outubro de 68. J.

HYMNO

DA

Sociedade dos artistas Villafranqueuses

LEALDADE

Letra do illm.º sr. A. Loureiro—Musica do illm.º sr. João Bernardo R. Junior.

Companheiros! é luz protectora
A que aponta o caminho a seguir.
Eil-a, irmãos! rompe já noss'aurora
Descerrando o horisonte ao porvir.

Côro

São as artes mais nobres conquistas
Do que as feitas co'a espada e canhão.
O progresso é a luz dos artistas;
LEALDADE — divisa e brazão.

Disse Deus ao artista «trabalha».
O trabalho é dos ceus uma lei.
E do artista a honrada mortalha
E' a gloria do povo e do rei.

Côro

São as artes mais nobres conquistas etc.

Quando os homens só tem por herança
Soffrimentos, pobreza e uma cruz,
São as artes um iris d'esp'rança
Que nos ceus da sua alma reluz.

Côro

São as artes mais nobres conquistas etc.

São tambem as infindas riquezas,
Os thesouros que tem as nações:
E são ellas que alentam emprezas,
Que em cidades transformam soidões.

Côro

São as artes mais nobres conquistas etc.

Vem o artista cançado da lida,
Passa os ocios cantando co' os seus:
Tem no estudo o confôrto da vida,
Como a terra no orvalho dos ceus.

Côro

São as artes mais nobres conquistas etc.

Irmãs são; e no mundo rebrilha
Cada qual em seu grande lavor;
Mas dos anjos a musica é filha;
Nossas almas eleva ao Senhor.

Côro

São as artes mais nobres conquistas
Do que as feitas co' a espada e canhão.
O progresso é a luz dos artistas;
LEALDADE — divisa e brazão.

AMISADE

Poesia dedicada a = **A. de S. Moreira.**

E' triste este mundo, similha um exilio,
Se n'elle não temos amigo fiel,
Que a dôr partilhando das nossas desgraças,
Ajuda a libar nossa taça de fel.

Ao homem que longe se vê da familia,
Ausente da patria querida, tambem;
Seus dias deslisam com mais amargura,
Se um unico amigo no mundo não tem.

Feliz, ai! d'aquelle, que escuta as palavras,
Que dicta a amisade de um bom coração;
Do mundo despresa as mil tramas horriveis,
Despresa dos homens a negra traição.

Palavra tão doce, qual é = AMISADE =,
De certo no mundo não ha outra egual;
E' que ella recorda esse laço que liga
Os homens em doce união fraternal!

Oh! quão desditoso, quão cheio de espinhos,
Me fôra — sósinho — no mundo o viver;
Mas quão bonançosos deslisam meus dias!
És tu meu amigo: - que mais heide qu'rer?!

Vagos, outubro de 68.

Alberto Carlos.

Noticiario

Novas. — Lê-se no *Diario de Noticias*:

— Chegou a Lisboa emigrado o sr. conde de Girgenti.

— Causou certa impressão no publico uma correspondencia de Pariz incerta em a *Nação* de hontem, na qual se descreve o plano da actual revolução hespanhola, e se diz que o rei de Portugal será acclamado rei de Hespanha, não sendo extranha a estes projectos a Italia.

— Diz-se que o sr. duque de Montpensier parte para Sevilha, onde foi eleito presidente da junta governativa.

— A classe dos engenheiros civis vae representar contra a reforma que o sr. ministro das obras publicas intenta effectuar.

— Pelo vapor *Britania* vieram de Londres 8 caixas com selins para uso do exercito e 1 com rewolvers, á disposição do ministerio da marinha.

— Vae estabelecer-se, por iniciativa particular em Lisboa, outra escola de tiro, por diligencias dos srs. J. C. Sá Noguira e marquez de Castello Melhor. Bom serviço é esse ao paiz.

— Morreu em Braga um reverendo capellão que deixou 5:000$000 de réis de legados e 1:200 missas.

— Ouvimos que vem para Lisboa habitar o seu palacio á Junqueira o sr. infante de Hespanha D. Sebastião Gabriel.

— Continuam as progressivas melhoras de S. M. a Rainha. Deus as prolongue.

— Causou profundo indignação no Porto a noticia das proclamações ibericas.

Contra a mordedura dos cães damnados. — A academia imperial de medicina, prestando a sua attenção á publicidade ultimamente dada pela imprensa não scientifica a varias receitas reputadas infalliveis contra a mordedura dos cães damnados, renovou os seus avisos que n'outras occasiões déra a este respeito. Nenhum dos muitos remedios que têem sido indicados para annullar os effeitos da mordedura dos animaes damnados merece a confiança que se lhe tem querido inspirar. Devem a apparente vantagem que tem alcançado em alguns casos particulares á circunstancia ha longo tempo manifestada pelos sabios mais competentes (Hunter, Renault, Bodin, H. Roulay), e demonstrada na investigação official em que desde 1850 se prosegue pelo ministerio das obras publicas sobre os casos de raiva canina observados em França, que, quando algumas pessoas são mordidas pelo mesmo animal damnado, nem a todos acommete o contagio por diversas causas, e isto sem o auxilio de menor preservativo.

A ultima receita que tem tido alguma voga, conservando-se por longo tempo como segredo de familia, foi divulgada por mero acto de philantropica indiscripção.

Esta formula, cujos principaes elementos são a arruda, casca de roseira brava, margarida, escorcioneira, alho, e escremento de gallinha, não é mais do que uma das muitas variantes do mui antigo especifico, ha annos conhecido pelo nome de pós de João Paulenier, cuja receita se acha transcripta no *Codigo da pharmacopéa de Pariz*, edição de 1788, sob a denominação de *pulvis contra rabiem*, e das receitas de mad. Fouquet e de Tullius, augmentada com uma dose de escremente de galinha, segundo a recommendação de um maire da cidade, que publicou a sua receita nos dois relatorios apresentados em 1852 e 1855 á academia de medicina plelo pelo professor Bouchardat, em nome da commissão dos remedios occultos, e a pedido do ministro da agricultura, commercio e obras publicas.

Tirar a similante formula o caracter da novidade, é destruir com o mesmo golpe as suas pretenções á infallibilidade, que possue tanto todos os arcanos do mesmo genero.

A não merecida confiança que a abusão do povo tinha nestes falsos preservativos, constitue um perigo real que a academia tem por dever mais uma vez marcar. Dão, certo, em resultado obstar ou retardar o emprego do unico meio verdadeiramente efficaz contra o desenvolvimento da hydrophobia, que a tradicção e a experiencia consagraram, e que é a cauterisação tão profunda e rapida quanto possivel; isto é, feita em menos de uma hora depois da mordedura virolenta, com o auxilio do ferro em brasa, da polvora e dos causticos mais fortes, como sejam os da manteiga de antimonio ou de acido sulphurico. A experiencia não permitte ainda que se lhe junte o acido phenico, ao qual sem embargo das mais lisonjeiras promessas, não sería prudente fiar no tratamento immediato das pessoas mordidas pelos animaes atacados de hydrophobia.

Noticias agricolas. — Os milhos dos altos e de sequeiros em Valença estão colhidos e guardados, e estes deram pequena producção, e quasi nenhuma darão as sementeiras tardias sobre os restolhos das ervas, dos centeios e dos trigos, a maior parte das quaes se acham ainda nos campos, e lançadas por terra pela força dos ventos, atacadas as palhas e as magras espigas de bichos em quantidade, mal que se encontra n'este anno em todos os milhos serodios.

Parou portanto a colheita dos milhos das terras fundas, que serão os que tem de supprir a falta, que a não serem estes teriamos um anno escasso: assim mesmo ha falta com relação ao bom anno passado.

Os vinhos estão envasilhados, e a colheita foi abundante, e o preço veiu ao meio, como se vê nas vendas para o consummo local.

Como a fructa foi muita, fez-se muita cidra; e este vinho de maçãs augmentou a fartura da bebida para os trabalhos do campo.

O preço do milho para consummo subiu a 460 e 480 réis por causa das chuvas, que não deixam colher, nem seccar, se assim continuar, muitos cultivadores sentirão falta.

A abundancia não se mostra só no campo: um bom tempo para uma boa colheita augmenta a producção.

O lavrador nunca está contente: se a humidade lhe reverdeceu o prado e a horta, ella agora faz-lhe grellar o milho em espigas, e estragar a palha, forragem de muito valor para os gados, para os quaes as estações lhes tem sido contrarias.

Ha muitas castanhas; porém magras e pequenas pelo muito fructo, que tomaram as arvores.

Testas coroadas borbonicas na Hespanha. — Teem remado em Hespanha oito soberanos da dynastia de Bourbon:

Em 1700 Filippe V; por escrupulos religiosos, abdicou em 1724 a favor de seu filho Luiz.

Em 1724, Luiz I.

De 1724 a 1746, Filippe 5, pela segunda vez pela morte de seu filho Luiz I.

De 1746 a 1759, Fernando VI casado com a infante de Portugal D. Maria Barbara.

De 1759 a 1788, Carlos III.

De 1788 a 1808 Carlos IV; abdicou em seu filho Fernando por dissenções de familia. Era pae da rainha de Portugal D. Carlota Joaquina.

Em 1818, Fernando VII obrigado em 6 de maio por Napoleão a dar novamente a coroa a seu pae Carlos IV, que na vespera a tinha cedido ao imperador, seu irmão José Bonaparte.

De 1808 a 1813 José Bonaparte.

De 1813 a 1833 Fernando VII restabelecido no throno pelo exercito francez.

Em 1833 Isabel II, filha de Fernando VII, proclamada em 1833 sob a tutela de sua mãe D. Maria Christina. Casou em 1846 com seu primo D. Francisco.

Mulheres eleitoras. — E' da ordem do dia na Inglaterra a questão do direito eleitoral das mulheres. Durante a operação da inscripção dos eleitores na provincia de Kent do Sul, o revisor teve de examinar se deviam ser conservados na lista os nomes de trinta e tres mulheres. Não se oppozera a isso pessoa alguma de nenhum partido. Decidiu-se pois que attendendo a essa circumstancia, não fossem riscados esses nomes. Gosarão, por conseguinte, as trinta e tres mulheres inscriptas do direito de votarem nas eleições proximas. Duas mulheres obtiveram na sub-divisão de leste o mesmo resultado, sem opposição nenhuma. Houve, porém, outra que não foi bem succedida. Os liberaes protestaram. Perguntando-se-lhes porque protestavam, responderam simplesmente: «Por ser uma mulher». E foi riscada da lista.

Em Salford, as cousas passaram-se por modo diverso. Tinham sido inscriptas 1:248 mulheres. Clamou-se que o revisor não tinha o direito de riscar os seus nomes, visto que não haviam reclamações contrarias; mas o revisor sustentava que os auctores das listas tinham ultrapassado os limites dos seus poderes, e tomou a responsabilidade de riscar os nomes das mulheres, auctorisando porém a sua appellação contra a sua decisão.

Em Leeds, uma mulher da seita dos quakers apresentou-se em pessoa para fazer valer o seu direito. Depois de larga discussão o revisor, que negava o direito da reclamante, acabou por impor-lhe uma multa de dez libras. Havia mais trinta mulheres que queriam ser admittidas; mas sabendo do que tinha acontecido á primeira, abstiveram-se de comparecer.

Batalha de Alcolea. — Uma folha sevilhana descreve assim a batalha de Alcolea, dada entre as tropas da rainha Izabel, commandadas por Novaliches e as da revolução commandadas por Serrano:

«Desde muito cedo se disse no dia 29 que o inimigo se propunha atacar o nosso exercito nas posições que occupava: effectivamente, pelas 9 horas da manhã viu-se avançar o inimigo decidido a dar batalha. Duas horas depois apresentou-se no nosso campo o illustre duque de la Torre com o seu estado maior, passou revista ás tropas, que o recebiam com os enthusiasticos gritos de «Viva o general em chefe! Viva a liberdade!»

Pouco depois de ter decorrido e examinado as posições do exercito, recebeu-se participação de nossas avançadas, manifestando que uma brigada do inimigo, composta dos batalhões de caçadores de Madrid, Basbastro, e Asturias, sob o commando do brigadeiro de Lacy, tinha passado secretamente o rio e preparava-se emboscada, para nos atacar pelo flanco e retaguarda, suppondo os nossos generaes e soldados descuidados por aquella parte. As precauções adoptadas pelo bravo general Cabellero de Rodas, que previra admiravelmente este ardil de guerra, deram um grande resultado, pois que a brigada de que vimos fallando, em vez de surprehender-nos, encontrou-se rodeada prisioneira, sem avançar nem retroceder e á mercê de nossos valentes soldados.

Quando o general em chefe teve noticia d'este acontecimento, approximou-se acompanhado do chefe do proximo exercito, sr. Cabellero de Rodas, das guerrilhas inimigas, e ali teve a honra e o prazer, depois de ouvir o brigadeiro Lacy, declarar-se seu prisioneiro com toda a sua gente, de realisar o acto mais magnanimo, generoso e patriotico de que ha memoria nos annaes da historia militar de Hespanha.

Regressae—disse elle—a vosso campo com a vossa força, brigadeiro Lacy: perdôo-vos a todos a vida, e contae ao marquez de Novaliches como inaugurei esta campanha.

Se o general Serrano fosse capaz de arrepender-se de sua nobre generosidade, depressa teria encontrado motivo para a deplorar, porque apenas tinha passado meia hora desde que occorreu este successo, quando as avançadas inimigas do mesmo brigadeiro Lacy, que constituiam a ala direita começaram o fogo a coberto no bosque. De prompto foram respondidos por nossos bravos batalhões de Simancas, Segorbe e Tarifa, que sem reparar no muito que aos contrarios favorecia o terreno, se internaram até o mais espesso do monte fazendo um nutrido fogo, e concluindo com um valoroso ataque á bayoneta, que deu em resultado destroçar completamente o inimigo.

Rôta a ala direita do marquez de Novaliches, concentrou este as suas forças no centro ameaçando um ataque á ponte de Alcolea, base de nossas operações; effectivamente, d'ahi a pouco viram-se numerosas tropas de cavallaria e infanteria atacar este ponto sem outro resultado mais que o de muitas victimas feitas pela nossa certeira artilheria, que arrojou nas massas do inimigo infinidade de bombas e granadas.

O espanto que os nossos canhões produziram nos contrarios, foi extraordinario, fazendo-os retroceder apressadamente pela planicie até se encontrarem fóra de alcance. Não sendo possivel realisar este ataque, intentou o general Pavia romper a nossa ala direita atacando-nos de flanco, e para esse fim fez avançar pela linha do rio e pelos montes que se achavam á nossa direita numerosas forças emboscadas nas mattas. Este encontro teve o mesmo resultado que os anteriores. Os nossos bravos soldados o repelliram heroicamente, sem permittir que o inimigo adiantasse um passo, e entretanto a nossa artilheria não permittiu que o centro do inimigo avançasse pela planicie sobre a ponte.

A noite vinha-se approximando e o exercito do marquez de Novaliches, repellido e vencido em todas as partes, não se conformava facilmente em declarar a sua derrota; assim foi que aproveitando-se de um ardil para apoderar-se da ponte, não obteve o resultado que se propunha, pois que os nossos bravos soldados de Valencia e de Simancas e os carabineiros que se achavam na cabeça da ponte e que tinham suspendido o fogo, suppondo que todos aquelles pellotões vinham passar-se para nós ao grito de liberdade, vendo-se accommettidos, repelliram heroicamente o ataque, fazendo retroceder em precipitada fuga o inimigo, que não teve forças para levar mais adiante a acção.

Ás 8 e meia da noite terminava esta no meio do maior enthusiasmo, e os nossos soldados acclamavam o «general em chefe, a nação hespanhola e a liberdade», demonstrando a todo o mundo o que valem e do que são capazes.

Tivemos que deplorar muitas baixas, especialmente nos regimentos e batalhões acima citados, porém não temos que lamentar a de nenhum de nossos chefes. Os bravos generaes Caballero de Rodas, Iz-

quierdo y Rey, os brigadeiros Alaminos e Salazar, o distincto coronel de artilheria D. José Lopez Dominguez e o coronel Blengua, os commandantes Zuleta e Romero, tenente Negrete, os ajudantes de marinha sr. Bermudez e outros muitos cujos nomes ignoramos, portaram-se valorosamente justificando mais uma vez a honrosissima e merecida reputação de que gosam em nosso exercito.

Do general em chefe nada diremos: não ha necessidade de o escrever, porque o seu illustre nome e a sua brilhante e larga historia militar fallam por nós, e no dia de hontem não fez senão ajuntar uma pagina mais á sua gloria.

Os paisanos que acompanham o quartel general demonstraram sentir o nobre enthusiasmo que lhes inspira a nossa causa, pois não abandonaram um momento o campo da batalha. O paisano Navarro foi levemente ferido por um caco de granada que rebentou mesmo aos pés do general em chefe. O dia 28 de setembro será um dia immortal para a liberdade, e a ponte de Alcolea um sitio celebre entre os mais celebres da nossa historia patria.

Ainda o sr. thesoureiro do legado. — No *Campeão,* de sabbado, deu nos o sr. Antunes nova edição da sua declaração, não correcta, mas augmentada.

Persiste s. s.ª em não responder sem que firmemos as nossas *denuncias*, por isso que, na sua opinião não é com o editor d'esta folha que *tem de se entender*, mas sim com o *denunciante que não tem a coragem de assignar as suas diatribes.*

Muito bem. Faça o sr. Antunes o que melhor lhe parecer. A idade permitte-lhe a liberdade das suas acções. Entenda-se com quem quizer, e quando lhe aprouver, que n'isso não nos dará pena, nem gloria. Para os effeitos legaes já lhe indicámos o nosso responsavel, e para quaesquer outros, caso aquelles não lhe convenham, como parece deprehender-se da sua declaração, sabe s. s.ª a quem deve dirigir-se, sem necessidade de tamanho espalhafato em procura d'um nome.

Pouco nos importa que o sr. Antunes nos responda, ou não.

Informaram-nos do abuso commettido pelo sr. thesoureiro do legado da freguezia da Vera-Cruz, que empresta a quem é do seu agrado, e com risco de damno, os paramentos e outras alfaias que lhe confiaram para guardar fielmeute. Démos conta do abuso, e dirigimo-nos á confraria do SS. Sacramento, *e só a esta*, pedindo-lhe que o fizesse cessar.

Quem pretendeu, pois, que o sr. Antunes nos respondesse?

A s. s.ª cumpria, sem dependencia de solicitação estranha, e se tanto julgasse necessario, defender-se das accusações em que era envolvido.

Mas, o sr. Antunes que não podia, nem póde negar os factos que referimos como prova do abuso que lhe é attribuido, recorreu ao expediente de declarar que não responde (?) sem conhecer o nome do accusador, que s. s.ª sabe de cór e salteado, e aproveitou o ensejo para nos jogar meia duzia de insolencias por entre duzias de necedades.

A nós, porém, é que não nos sobra o tempo para nos occuparmos de quantas edições o sr. Antunes se lembre fazer da sua declaração.

Faça quantas quizer, que nós sem esquecermos o presidente da meza eleitoral da Oliveirinha, que arrastou humilde por essas ruas a negregada urna, pedindo aos inimigos que lhe valessem, e deixando aos amigos toda a responsabilidade da escamoteação, ir-nos-hemos rindo do thesoureiro do legado que, desembaraçado do perigo, se apresenta com ares de tyranno, pretendendo que ninguem lhe toque.

E ao mesmo tempo insistiremos no nosso pedido á mencionada confraria para que ponha termo ao abuso commettido pelo sr. Antunes, que empresta o que não é seu, importando-lhe pouco que nos emprestimos se damnifiquem ou não os objectos confiados á sua guarda, e cuja acquisição custou sacrificios pecuniarios, a que é necessario attender.

Não queira a confraria ser connivente no procedimento do sr. thesoureiro do legado.

Ao sr. ministro do reino.— A que titulo, sobre que pretexto, é que o segundo official da secretaria do governo civil de Leiria, José Eduardo de Almeida Vilhena, está comendo á custa do minguado ou, antes, magrissimo thesouro publico, sem fazer o minimo serviço?

Será isto como base *essencial* de grandes e profundas reformas e economias, que melhorem o nosso estado financeiro?

Como é que s. ex.ª admitte tão revoltante e gravissimo damno e escandalo?

Ignora o exm.º ministro o proceder d'este remisso servidor do estado e da nação?

Não sabe s. ex.ª que o seu subordinado está na capital do paiz, tratando dos seus negocios particulares?

E quem nos diz que até o terá visto?

E' com estes e outros damnos e escandalos d'igual jaez que nos havemos de desembaraçar do abatimento financeiro em que nos achâmos?

Justiça e moralidade é o que se pede e reclama.

Chegada.—Chegou hontem da capital no comboyo mixto ás 5 horas da tarde, a esta cidade, onde se demora por alguns dias, o nosso patricio e amigo, o sr. Manuel Celestino Emygdio, recentemente nomeado para juiz de direito da comarca de Taboa.

Brevemente irá tomar posse do logar para que foi nomeado.

Querela.—Diz-se que o sr. ex-ministro da justiça, visconde de Seabra, requerêra querela contra os nossos collegas «Braz Tizana» e «Diario Popular»; e que o sr. José Luciano de Castro se presta de bom grado a defender em juizo os dois jornaes accusados.

Se tal se verifica, como nos asseveram, hão de ser dignas d'assistencia taes audiencias.

Irá o sr. visconde de Seabra buscar lã e ficará tosqueado?

Não o sabemos dizer; mas, se são fundadas as accusações, que lhe teem sido feitas, como geralmente se crê, de certo assim lhe succederá.

Confiará elle na béca dos seus collegas?

E' crivel. E será este o escudo em que elle deva firmar-se?

Passagem.—Passou na proxima quarta feira no comboyo das 9 horas e 43 minutos da manhã e em carruagem especial com direcção a Lisboa monsieur Le Crenier engenheiro em chefe dos caminhos de ferro do norte e leste.

S ex.ª hia um pouco melhor dos padecimentos graves que tem soffrido, e que deram sérios cuidados aos que o prezam, no hotel Francfort do Porto.

Todos os empregados da via e obras, sem excepção, faziam votos pelas promptas melhoras de s. ex.ª, por que s. ex.ª a todos acarinha e de todos é estimado.

Desejamos-lhe de veras prompto restabelecimento.

Grande avaria.— Na manhã de 5 do corrente entre as estações do caminho de ferro em Mogofores a Oliveira, Joaquim Henriques Alho e um seu jornaleiro, de Sangalhos, cortaram um pinheiro, que cahiu sobre os fios telegraphicos do governo; porém estes, com a grande oscillação, fizeram ir para o lado opposto o mesmo pinheiro! Mas aquelles dois individuos ainda não escarmentados passaram ao lado opposto da via (oeste) *cruzando-o* e á beira d'esta cortaram outro pinheiro, que cahiu sobre os fios telegraphicos do serviço da companhia, quebrando-os immediatamente e fazendo cahir por ter quatro postes dos mesmos, fazendo com isto com que a communicação telegraphica se interrompesse entre Coimbra e Aveiro desde o meio dia de 5 até ás 4 horas da tarde de 6, podendo ser causa de graves acontecimentos se não fosse a reconhecida circumspecção dos respectivos chefes de estações, por que durante essas 28 horas de interrupção os comboyos do norte chegavam a Mogofores sem o chefe saber e os do sul chegavam a Oliveira do mesmo modo.

Consta nos que o fiscal da via e obras por parte do governo residente n'esta cidade lavrará o competente auto, que remetteu ao agente do ministerio publico em Anadia.

Attenção.—Chamâmos a attenção do governo e dos nossos collegas da imprensa para o que n'outro logar d'esta folha se diz com referencia á immoralidade e corrupção, que graça no concelho e julgado de Albergaria a Velha e, maiormente, para as accusações, que se fazem ao celebre escrivão d'aquelle julgado, José dos Santos Souza e ao sr. Miranda, actual administrador do concelho.

O seu auctor tem tanta consciencia do que escreve e tanta segurança no que assevera, que com o maior desassombro empraza os accusados para que venham desaggravar-se nos tribunaes.

São tantas e tão grandes as accusações, que desde ha muito têem sido feitas áquelle funccionario, dito José dos Santos Souza, que se torna indispensavel que os poderes publicos dêem uma cabal satisfação á lei offendida e á moral aggravada, punindo, como justamente merece, o funccionario delinquente, não se deixando prender pelas influencias cynicas dos protectores do accusado.

A moralidade, a justiça e a lei, estão acima de todos e de tudo. * * *

O padre Claret. — Este *heroe* é filho de um tecelão. Tendo assentado praça em cavallaria, apenas chegou ao grau de sargento. Trocou depois a farda de guerreiro pelo habito de frade quando as tropas da rainha Christina bateram completamente as de D. Carlos, das quaes fazia parte. Pela protecção da rainha Christina, o padre Claret foi eleito bispo de Cuba, onde com os seus antigos habitos de soldado, fez com que o destacassem. Tem na face a cicatriz de uma ferida que um mulato lhe fez, em consequencia d'elle lhe haver seduzido uma irmã em Havana.

Com modos grosseiros e brutaes; cara das mais *desagradaveis* — para não empregarmos outros termos, — e sem educação politica, o padre Claret causou em Hespanha immensos males, pela influencia que exercia no espirito da rainha, de quem é confessor ha muitos annos.

Esse jesuita, detestado em toda a peninsula, possue certa facilidade de locução, sem com tudo ser eloquente. Quando sóbe ao pulpito acontece-lhe prégar horas inteiras, sempre com grande descontentamento dos seus ouvintes.

Escreveu uma obra intitulada —«Clave de ouro» — destinada a combater os divertimentos frivolos da dança e dos theatros Prégando um dia n'uma egreja de Madrid contra os espectaculos e óperas modernas, cantou no pulpito essa tão nossa conhecida canção — *Ay! mamã: que noche aquella!* — com que Zamacois tantas vezes nos regalou o ouvido. Affirmase que o padre Claret não se afastou da rainha em S Sebastião, nem da *pessoa* cujo retrato descreveremos.— *Jornal do Commercio.*

Varias noticias de Hespanha. — Não se verificou felizmente o boato de ter fallecido, em resultado do ferimento que recebeu no combate de Alcolea, o marquez de Novaliches. A junta revolucionaria de Pinto, encarregada de cuidár do illustre doente, tem-se desempenhado com grande solicitude d'essa tarefa, segundo diz a «Correspondencia», e tem esperança não só da sua cura, mas de que possa recuperar o uso da palavra. A familia do infeliz vencido de Alcolea já havia chegado no dia 4 a Pinto.

Archivo Pittoresco. — Recebemos o n.º 27 (volume XI) d'este interessante semanario que se publica em Lisboa. E' ornado de duas excellentes gravuras, representando a primeira a sé da cidade de Nossa Senhora de Belem do Grã-Pará, e a segunda o desembarque da rainha D. Catharina de Bragança em Portsmouth.

Que comilões. — Diz uma noticia, que na Dinamarca toda a gente, pobres e ricos, teem seis refeições ao dia, do modo seguinte:

A's 5 da manhã, hora de começar o trabalho, sopa e presunto frio. As 10 da manhã, torradas com manteiga e toucinho, um copo de cerveja, um golo de aguardente e duas ou tres pachorrentas cachimbadas. Ao meio-dia uma empada e uma sopa de leite; uma sésta de uma hora, e ao acordar café que é a quarta refeição. A quinta é ás 5 da tarde, repetindo-se as torradas como ás 10 da manhã. A's 8 come-se sopa de leite e carne com batatas; é a ultima refeição que convida a dormir. Uma vida assim deve bestificar muito.

Um senhorio poderoso. — Na porta do palacio, onde em Madrid habitou Izabel II, foi collocado o seguinte rotulo — «Aluga-se esta casa»

Convem perguntar com quem se deve tratar, para alugar aquella celebre casa. E quem é o senhorio?

Até ao dia em que Izabel II sahiu de Hespanha era de uma só pessoa, de uma só vontade. Agora o senhorio da casa é tambem uma só vontade, mas que representa as vontades de uma nação inteira!

A ultima nodoa de sangue. — As tropas do general Cheste, quando entravam n'uma povoação da Catalunha, fuzilaram tres cidadãos, por darem vivas á liberdade.

Foi a ultima nodoa de sangue, que a intolerancia manchou o solo hespanhol.

Assim o cremos e oxalá que assim seja.

Scena tragico-comica. — Do «Ultramar» de 27 de agosto, jornal de Margão (India), transcrevemos o seguinte:

«Um gentio espertalhão que queria de Diumolla passar Cosmane, observando que estava á borda do rio a canôa da passagem, mas não o barqueiro que se tinha ausentado para jantar, quiz pregar-lhe uma peça, conduzindo por si a canôa, e deixando-a ficar na outra banda.

Ao pé da canôa estava uma pobre mulher á espera do barqueiro: convidou-a para ir comsigo, promettendo-lhe leval-a a salvo para o outro lado, e ambos mettidos na canôa largaram a amarra, e o gentio agarrou pelo remo para dirigil-a.

Mas a corrente tendo levado o barco da passagem segundo o curso das aguas, o espertalhão do gentio não soube dar a conveniente direcção para conduzil-o para a outra banda.

Ao principio trabalhou com o remo á fantasia, e a canôa começou a dar voltas no meio do rio: vendo então a causa mal parada, largou o remo, poz-se de pé na embarcação, e esteve a dar gritos com toda a força de seus pulmões.

A canôa pois foi navegando á discrição da corrente: batendo sobre os rochedos com que topava no meio do caminho, o gentio agarrou-se fortemente a um ramo de arvore que casualmente encontrou, e ahi se conservou pendurado, porque a canôa foi arrastada pelas aguas, levando comsigo a infeliz mulher, a qual conhecendo que estava em tristes lençoes, começou a gritar cheia de desesperação.

Felizmente foram ouvidos os seus gritos por alguns individuos que estavam mais abeixo á borda do rio, e conseguiram embaraçar a canôa, e salvar a pobre mulher.

O gentio ficou por bom tempo pendurado ao ramo da arvore, mas pôde ser acudido, e tirado d'aquella triste posição.

O caso se passou na penultima semana»

Correio de Lisboa

Outubro, 8

De Hespanha não ha noticias de grande importancia, queremos dizer, importantes com relação ás anteriores. As juntas revolucionarias vão funccionando, e tracta-se já d'ir estabelecendo as bases para regularisar a administração. O governo provisorio toma as mais acertadas medidas de ordem publicas, procurando concilial-as o melhor que pode com o respeito devido aos direitos e liberdades dos cidadãos; trata de resolver importantes questões economicas, como a de subsistencias e organisação de trabalhos publicos para melhorar a situação dos povos. As relações entre o povo e o exercito são estreitas e cordeaes, e reina em toda a Hespanha completa tranquilidade.

Já se acha organisada a junta provisoria do governo de Madrid, eleita pelo suffragio universal. E' presidente d'ella Joaquim Aguirre e vice-presidente Nicolau Maria Rivero.

A junta provisoria encarregou o capitão general do exercito D. Francisco Serrano, duque de La Torre, da formação de um ministerio provisorio que se encarregue da governação do Estado até á reunião das cortes.

A noticia de ter sido o duque de la Torre nomeado general em chefe do exercito, noticia que foi expedida telegraphicamente para todas as provincias de Hespanha, foi perfeitamente recebida, diz a «Epoca», porque fazia suppor que em breve estaria organisado o governo supremo que imprima direcção á marcha governativa do paiz.

Para a junta revolucionaria de Madrid, ficaram eleitos quatorze progressistas, nove democratas e sete unionistas.

O duque de La Torre foi tambem reconhecido pela junta general em chefe do exercito hespanhol.

O duque de la Torre, investido do poder supremo, nomeou differentes generaes para os districtos militares.

Diz a «Correspondencia de Hespanha» de 4 que os nomes que com mais probabilidade circulam como designados para formar parte do novo ministerio são os seguintes:

Prim, guerra.
Serrano, estado.
D. Nicolau Rivero, governação.
Martos, graça e justiça.
Sagasta, fomento.
Topete ou Mendes Nunez, maridha.
Lopez Ayala, ultramar.
Cantero ou Figueirola, fazenda.

A junta eleita pelo suffragio universal constituiu-se no dia 5; mas cartas particulares de Madrid dizem que é possivel que dentro em pouco se veja o principe das Asturias no throno com uma regencia composta dos victoriosos da revolução a governar na Hespanha!

A ex-rainha de Hespanha publicou o seu manifesto; excita n'elle o odio á revolução, e quer manter os direitos á dynastia, dizendo que a revolução é um parenthesis lamentavel. Este protesto só mente produziu o despreso em Madrid.

A primeira economia de vulto que resultou da revolução foi a da dotação da familia real, que recebia apenas o equivalente a 2:100 contos de réis da nossa moeda.

Tambem dissemos no nosso ultimo numero que o sr. dr. José Pedro da Costa Cardo a fôra nomeado director da academia polythechnica do Porto. Não foi, mas sim commissario dos estudos do lyceu d'aquella cidade.

Foi nomeado administrador substituto do concelho de Villa Pouca de Aguiar o sr. Eduardo Augusto Pinto de Aguiar.

Foi exonerado, pelo pedir, do cargo de administrador do concelho de Thomar o sr. João Eduardo Lobo de Moura. Para Thomar foi transferido o administrador de Torres Novas o sr. José Joaquim Dias; para Torres Novas foi transferido o administrador do concelho de Ferreira do Zezere o sr. José Ignacio de Lima Meirelles; e o de Miranda do Corvo, o sr. Francisco Pinto da Costa Salema, foi transferido para Ferreira do Zezere.

Foi exonerado do lugar de administrador substituto do concelho de Boticas o sr. Pedro Gonçalves Sanches e nomeado para o substituir o sr. Antonio Joaquim Fernandes Moura e Carvalho.

Foi nomeado administrador substituto do conselho de Villa Real o sr. Manuel Ignacio Pinto Saraiva. * *

Barra de Aveiro

Desde 6 até 8 de outubro não entrou nem sahiu embarcação alguma.

Publicações Litterarias

A CRUZ

Semanario Religioso

Expressamente creado para a publicação de todos os decretos do episcopado.

Preço por anno ou 52 n.os 1$800

Assigna-se em Aveiro na livraria de João da Silva Mello Guimarães e no Porto na de Viuva Moré.

Comedias Modernas

(Em um acto)

Os «Amores d'um Marinheiro» 100 rs.—«Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle» 160 rs.—«Por causa d'um clarinete» 120 rs.—«Furto abençoado» 120 rs.—«Nem um nem outro» 100 rs.—«Como se domam as féras» 100 rs.

São remettidas para as provincias a quem enviar o seu importe em estampilhas ou sellos á livraria de J. J. Bordaio rua Augusta n.º 24 e 26. (O porte é franco).

Além d'estas comedias ha outras muitas, dramas, e bonitas scenas comicas, cujo catalogo com seus titulos e preços se dá gratis a quem comprar qualquer comedia, ou é remettido para as provincias a quem enviar um sello de 20 réis em carta fechada á loja acima mencionada. Além d'este catalogo ha outros de defferentes livros scientificos, de missa, e Semana Santa, de romances, poesias, albuns, retractos para os mesmos, carteiras de lembranças, etc.

RACHEL E DANIEL

OU

O ENXOTA-CÃES

VULGO

O SACRISTÃO DE PENAMACOR

Parodia ou imitação em 3 actos e 4 quadros ao mysterio

SANTO ANTONIO

Editores: — A. Joaquim Duarte Junior e Manuel Pinto Alves.

Publicar-se-ha opportunamente esta obra comico-dramatica

ASSIGNATURA

Para o Porto............ 240 réis
Para as provincias...... 300 réis

N. B. Recebem-se assignaturas na typographia d'este jornal.

Annuncios

Pelo cartorio do escrivão Nogueira, em execução da fazenda nacional contra José Rodrigues de Figueiredo, ausente, da villa d'Eixo, se ha de a arrematar no dia 25 do corrente um terrado de casas, pateo sito na rua da Balça, d'Eixo, parte do norte e poente com Sebastiana Dias de Figueiredo viuva, do sul com Thiago Rodrigues de Figueiredo avaliado em 30$000 réis. (287)

Vendem-se casaes de mós para moinhos. Quem quizer compral-as falle na typographia d'este jornal.

TINTA NOVA DE ESCREVER

do chimico E. MATHIEU-PLESSY

Premiado com cinco medalhas e com a condecoração e a legião de honra, nas expoições de Bordeaux, Londres e Pariz.

Esta tinta tem as seguintes e principaes qualidades:

Torna-se preta immediatamente: não deixa deposito no tinteiro; não se altera nunca; secca rapidamente; não cria bolor; e não enferruja nem estraga as pennas.

São estas as excellentes qualidades da TINTA NOVA, que tem sido muito elogiada em muitas folhas periodicas estrangeiras, e por muitas pessoas que a têem experimentado. As distincções que foram conferidas a mr. Mathieu-Plessy mostram evidentemente o quanto de apreciavel é esta tinta, e por isso desnecessario achamos inculcal-a. O seu preço é modico.

Unico deposito em Portugal, para vender por atacado, Barboas & C.ª, em Coimbra.

Paris 125, Boulevart Magenta. COPAHINE MÉGE. à Londres, chez Jozeau, Ph. Français 49, Hay Market

G. JOZEAU, FARMACEUTICO
125, boulevard Magenta, em PARIS.

Este medicamento, que mereceu os elogios da Academia Imperial de Medicina de Paris, em 1840, a recommendação dos medicos especiaes de PARIS e de LONDRES, hé desde mais de 26 annos, o tratamento o mais **facil e agradavel** de todas as molestias contagiosas. Os doentes tomão-o sem **repugnancia** e achão-se **segurados** contrâ toda volta da molestia.—A firma e a marca de Fabrica podem-só garantil-ó das imitaçoes fraudulentas. Acha-se em todas as Pharmacias do Universo.

Responsavel — M. A. L. de Mesquita.

Typ do «Districto de Aveiro»